

A recuperação se consolida

A economia brasileira parece haver entrado em firme recuperação a partir de março, mas só agora, com a divulgação de informações mais amplas sobre os últimos dois meses, essa tendência se torna bastante nítida. Até o mês passado, os sinais positivos e negativos se alternaram de forma desordenada. De um mês para cá indicadores da produção industrial, do investimento produtivo, do emprego e do consumo passaram a convergir de modo claro, justificando uma crença firme no aumento da atividade e na retomada do crescimento.

Os últimos números do emprego e das vendas do comércio apontam para essa direção. De janeiro a abril foram acrescentadas 534,9 mil pessoas ao número dos trabalhadores formais, isto é, com carteira assinada, segundo o Ministério do Trabalho. Esse foi o resultado líquido, a diferença entre admissões e demissões no período. De janeiro a dezembro do ano passado, as contratações ficam em 645,5 mil. No mês passado, foram abertos 187,5 mil postos de trabalho, o maior número observado em abril desde 1992.

A mais nova pesquisa mensal do IBGE sobre emprego e renda na indústria ainda se refere a março. O levantamento mostra que o emprego industrial cresceu 0,4% de fevereiro para março. Foi o terceiro aumento mensal consecutivo. A evolução da média móvel trimestral aponta crescimento de 0,5% do trimestre final de 2003 para o primeiro deste ano. Os números ainda são piores que os do ano passado, nesse relatório, mas a tendência de recuperação parece bem definida.

Essa tendência é compatível com a evolução da indústria, pesquisada também pelo IBGE e divulgada no dia anterior. Em março a produção foi 2,1% maior que a de fevereiro e 11,9% superior à de um ano antes.

A pesquisa do IBGE sobre as vendas do comércio é menos informativa, porque não contém comparações diretas entre meses consecutivos. Seria necessário, para esse tipo de confronto, dispor de séries em que fosse descontado o fator sazonal. Mas a série permite comparar dados de um ano com os de outro. Assim, é possível observar que as vendas do comércio varejista em março de 2004 foram 11,36%

maiores que as de um ano antes em volume e 11,63% superiores em valor nominal.

A diferença também foi positiva na comparação do primeiro trimestre deste ano com o primeiro de 2003: mais 7,48% no volume e mais 9,89% na receita nominal.

A ampla diferença é explicável principalmente pelo baixo consumo no começo do ano passado, quando a economia brasileira sofria os efeitos do surto inflacionário iniciado no ano anterior, na fase eleitoral, e da turbulência no mercado

cambial. Mas a melhora que se começa a notar nas vendas do comércio varejista é atribuível, também, a dois outros fatores: o aumento do crédito ao consumidor e, em proporção bem menor, à elevação da renda dos assalariados.

De janeiro a março, segundo o IBGE, a folha de pagamentos da indústria foi 9,1% maior que a de igual período de 2003. Em março, o total de salários pagos pela indústria foi 11,6% superior, em termos reais, ao de um ano antes.

Segundo a pesquisa, no entanto, o nível de emprego industrial, apesar da melhora mês a mês, ainda não havia retornado ao nível de um ano antes. Além disso, o número de horas pagas foi apenas 1% maior que o de março de 2003.

A conclusão é simples: houve um aumento real no salário médio, e esse ganho foi causado,

em grande parte, pela redução da inflação.

A reativação da economia continua a ser liderada pelas empresas mais empenhadas na exportação, que pro-

velmente são as mais produtivas. Não se pode estranhar que a recuperação do emprego e a da demanda interna ocorram com certo atraso, embora tudo pareça indicar que essa melhora venha ocorrendo de forma consistente.

Os sinais de reativação da construção civil são especialmente animadores, por seus efeitos sobre o emprego, e o governo acertará, como já se observou em editorial anterior, se ampliar os estímulos a essa atividade.

**Dados de
emprego e de
consumo
confirmam a
tendência
de reativação**